



Entrevista com o Professor Arthur Soffiati

Interview with Professor Arthur Soffiati

Entrevista con el Profesor Arthur Soffiati

 **Arthur Soffiati** E-mail: as-netto@uol.com.br

 Universidade Federal Fluminense [UFF], Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil



Resumo: Arthur Soffiati possui graduação em História pela Faculdade de Filosofia de Campos [1973], mestrado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro [1996] e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro [2001]. Tem experiência na área de História Social, com ênfase em História Ambiental. Atualmente é professor associado aposentado na Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: eco-história; degradação ambiental; Bacia do Rio Muriaé; Bacia do Rio Itabapoana; Noroeste Fluminense.

Abstract: Arthur Soffiati has a degree in History from the Faculty of Philosophy of Campos (1973), a master's degree in History from the Federal University of Rio de Janeiro (1996), and a doctorate in Social History from the Federal University of Rio de Janeiro (2001). He has experience in the field of Social History, with an emphasis on Environmental History. He is currently a retired associate professor at the Federal University of Fluminense.

Keywords: eco-history; environmental degradation; Muriae River Basin; Itabapoana River Basin; Northwest Rio de Janeiro State.

Resumen: Arthur Soffiati tiene una licenciatura en Historia por la Facultad de Filosofía de Campos [1973], maestría en Historia por la Universidad Federal de Río de Janeiro [1996] y doctorado en Historia Social por la Universidad Federal de Río de Janeiro [2001]. Tiene experiencia en el área de Historia Social, con énfasis en Historia Ambiental. Actualmente es profesor asociado jubilado en la Universidad Federal Fluminense.

Palabras clave: ecohistoria, degradación ambiental; cuenca del río Muriaé; cuenca del río Itabapoana; Noroeste del Estado de Rio de Janeiro.

Apresentação

A entrevista que se segue foi concedida pelo professor Arthur Soffiati quando esteve no cine teatro José Carlos Ligiero, *Campus* Itaperuna do Instituto Federal Fluminense, ministrando uma palestra intitulada "A História da Degradação Ambiental da Bacia do Rio Muriaé". Era o dia 07 de dezembro de 2023 e, durante a palestra, Soffiati pôde interagir com mais de uma centena de alunos, em sua maioria adolescentes, dos cursos técnicos do próprio *campus*. Também estiveram presentes alguns servidores, docentes e alunos de cursos de graduação.

Alguns meses antes de marcar presença em Itaperuna (em 30 de agosto), o professor Soffiati esteve no *Campus* Bom Jesus do Itabapoana do mesmo IFFluminense, onde abordou em palestra uma temática parecida: "História da Degradação Ambiental da Bacia do Rio Itabapoana". Foram então dois rios e duas trajetórias de degradação ambiental que infelizmente marcam a Região Fluminense, a ponto de ser reconhecida como a de menor cobertura vegetal nativa do estado do Rio de Janeiro e de dois de seus maiores rios – justamente o Muriaé e o Itabapoana – estarem sempre sob risco de morte.

A propósito, morte é palavra que comparece na gênese etimológica do rio Muriaé, segundo alguns memorialistas da região Noroeste e o próprio Soffiati. Manuel Ligiéro [2022] afirma que Muriaé seria um topônimo de origem indígena que acabou sendo aportuguesado e cujo significado, de modo sintético, seria o de “morreu aí” ou “muri-aí”, remetendo a um costume imemorial de povos originários (muito provavelmente os puris) que viveram em suas margens de jogar nas águas do rio aqueles que estavam gravemente enfermos, para que de fato pudessem em seu leito. Major Porphirio Henriques [1956], um pouco antes de Ligiéro, fez menção a esse mesmo costume de se atirar os moribundos nas águas do rio; muito antes dos dois que escreveram suas obras entre os anos de 1950 e 1960, Augusto de Carvalho já fazia a ligação entre o rio e a morte, afirmando que os colonizadores da Região Noroeste, quando perguntavam a algum indígena local sobre um parente seu, costumavam ouvir a expressão “morreu aí” apontando para o leito do Muriaé [2022, p. 248]. Alberto Ribeiro Lamego, por sua vez, interpretou Muriaé como corruptela de “Morte Aí” por conta dos casos frequentes de doenças transmitidas por mosquitos que incomodavam e igualmente matavam muitos dos moradores de suas margens (Lamego, 1996, p. 114).

Mas obviamente não é de morte que trata a entrevista de Arthur Soffiati e muito menos suas duas palestras ministradas para uma nova geração de estudantes. Em todos esses casos, o que se observa é justamente o contrário: a celebração da vida ou das diferentes formas de vida que interagem com os rios, com as matas ciliares, com os povoados e até com as cidades que existem na Região Noroeste Fluminense. Soffiati, atualmente um senhor professor aposentado, ainda é capaz de dar aulas apontando para boas perspectivas de futuro, desde que certamente se observe com olhar crítico alguns erros do passado. Essa capacidade deste velho professor – quase um patrimônio vivo da intelectualidade das regiões Norte e Noroeste Fluminense – foi notada quando, ainda em Bom Jesus, esteve com uma equipe de gravação de documentário e, às margens de uma rodovia, entre caminhões passando em alta velocidade e pastos para gado, começou a apontar no horizonte algumas poucas árvores resistentes e identificá-las à distância. Para cada uma delas, ele era capaz de recitar uma longa história de vida e de resiliência, a ponto de fazer acreditar porque ela conseguia sobreviver ali, justamente ali, no meio do nada.

Não era apenas o acadêmico de longa jornada que estava ali, entre a rodovia e o pasto, Tateando árvores no horizonte e atribuindo-lhes significados. Aristides Arthur Soffiati Netto trabalhou como docente da Universidade Federal Fluminense *Campus* Campos dos Goytacazes durante muitos anos e, atualmente aposentado, tem se dedicado a pesquisar e publicar com certa regularidade sobre temas que convergem para um campo de conhecimento que ele próprio define como eco-história. Em algumas de suas entrevistas, Soffiati se diz um eco-historiador ou historiador ambiental; prefere a primeira denominação porque na segunda o ambiente se apresenta como adjetivo. E sua atuação neste campo tem sido muito substantiva ou quase inteiramente verbal. Soffiati tem se mostrado um homem verdadeiramente de ação, um militante de causas ambientais, sendo algumas delas particularmente direcionadas para as regiões Norte e Noroeste Fluminense, dois recortes territoriais profundamente marcados por um processo histórico de colonização predatória e que têm deixado evidências materiais dessa predação, como matas nativas que só existem nas memórias dos idosos e cursos d’água sob ameaça de destruição.

No que se refere especificamente ao Noroeste Fluminense, região onde ocorreu a palestra que motivou essa entrevista, Soffiati já dedicou a ela três livros de sua produção acadêmica: **Dez anos de enchentes e estiagens (2007-2016)**, **Norte-Noroeste Fluminense e outros lugares**; **Noroeste Fluminense: registros de um eco-historiador militante**; **O Norte do Rio de Janeiro no século XVI: à luz da História Mundial e da Eco-História**. Quanto à sua militância, o professor septuagenário – que insiste em não se deixar vencer pelo

tempo e que continua sendo voz ativa a favor das causas ambientais numa conjuntura de profundo desequilíbrio do meio ambiente que tem culminado nos chamados eventos extremos – costuma se recordar dos sucessivos embates que já teve ao longo de sua carreira contra os mais variados agressores do meio ambiente. Bem recentemente, esteve fazendo uma visita imersiva na Amazônia e, coincidentemente, foi lá que provavelmente recebeu a triste notícia do falecimento de uma outra referência na luta contra os desastres ambientais: o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, que nos deixou em 23 de maio de 2025 e que também se mostrava ativo aos 80 anos de idade. Pois Soffiati felizmente permanece vivo, lutando e muito vivo!

Rogério Ribeiro Fernandes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *Campus* Itaperuna

Felipe da Silva Machado

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *Campus* Itaperuna

Wallace da Silva Mello

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *Campus* Quissamã

Elaine Borges da Silva Sueth

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo *Campus* Venda Nova do Imigrante

Organizadores do Dossiê

"Sociedade-Natureza, Economia, Política e Cultura no Noroeste Fluminense e regiões circunvizinhas"

Entrevista

Organizadores do Dossiê: As discussões que envolvem o conceito de Antropoceno e a condição de responsabilidade humana diante as mudanças climáticas, o uso de recursos e a apropriação da natureza, vem se transformando em debate bastante recorrente nessa segunda década do século XXI. Tendo em vista a perspectiva que se constrói na área de História Ambiental, de que maneira você reconhece a projeção do seu trabalho a respeito do Noroeste Fluminense em ramificação com esse novo regime historiográfico? Se sim, de que forma você possui diálogos nesse panorama teórico da historiografia?

Arthur Soffiati: Primeiramente, com relação ao Antropoceno, há uma discussão muito grande a respeito disso. Se deve ser chamado de Antropoceno ou Capitaloceno. Antropoceno seria responsabilizar o ser humano pela sua maldade inata ou a sua tendência inata a destruir o ambiente, coisa que a gente não pode dizer que sempre existiu. Capitaloceno seria a responsabilização do capitalismo em relação a essa nova época geológica que está sendo reconhecida. Da minha parte, eu sou muito cauteloso com relação a esse conceito, que eu acho que se tornou um conceito muito popular, muito utilizado dentro da academia e que rende alguma coisa. Se uma pessoa escreve um artigo com o título de Antropoceno ou Capitaloceno, pode ser um artigo muito frágil, mas projeta o seu autor. O que eu entendo é que a gente deva ser cauteloso com isso, na medida em que eu reconheço uma crise dentro do Holoceno, que é o período que a gente vive, mas não propriamente um novo período, porque eu não estou vendo transição. Toda passagem de uma era, de um período, de uma época para outra implica numa transição que não é da noite para o dia. Acho que é muito cedo ainda para a gente falar que nós saímos do Holoceno e estamos entrando numa outra época, que seria o Antropoceno ou o Capitaloceno.

Agora, eu faço que o que eu tenho feito sempre, não sei se de fato, teoricamente, o meu trabalho tem alguma implicação. Eu uso a teoria, eu uso métodos, eu uso conceitos. Mas eu entendo que isso só tem sentido na medida em que explica a realidade. Se for para usar um conceito para dizer que eu estou na moda, se para usar um conceito que, na academia, eu vou ser mais aceito, aí eu prefiro não usar. Eu vou usar um conceito que eu acho pertinente, que me esclarece o mundo. Sempre de uma maneira provisória, sempre entendendo que pode existir um outro conceito que substitua, sempre entendendo que eu não devo jogar os intelectuais da moda fora porque eles disseram e eu conservo o que eu acho interessante neles. Então, eu não sei se eu tenho alguma contribuição a dar. Talvez, em termos empíricos, uma contribuição dentro de uma área que não foi explorada ainda, que é a história ambiental, que não interessa a muitas pessoas, sobretudo, no interior ou mesmo nos grandes centros em que as pessoas estão mais interessadas em estudar uma história que se restrinja a humanos e não ultrapasse esse limite do humano para natureza, das relações dos grupos humanos com os ambientes naturais.

Organizadores do Dossiê: Por séculos, o Norte e o Noroeste do Estado do Rio de Janeiro foram posicionados à periferia do sistema, porém, nas últimas décadas, observa-se sua maior integração a processos nacionais e globais. A partir da sua longa trajetória de investigação no campo da História Regional, no contexto do Norte e Noroeste Fluminense, quais as principais potencialidades e as limitações da região e quais os melhores caminhos para um desenvolvimento regional mais pleno e uma posição geográfica menos periférica?

Arthur Soffiati: Primeiramente, eu acho que é preciso distinguir entre desenvolvimento convencional e um desenvolvimento alternativo. E nesse sentido, a gente pode dizer que, no século XVI, não houve nada de expressivo. Houve uma tentativa de colonizar pela bacia do rio Itabapoana, na foz, e mais no interior, na última queda d'água, e que não foi adiante. Século XVI, então, foi praticamente perdido. No século XVII, começa uma colonização europeia contínua, através dos sete capitães na costa, na região costeira. E a introdução do gado e da cana. O século XVIII representa, hoje, o ápice da economia tradicional, com a cana e com o gado, principalmente. Então, não houve propriamente um atraso em relação ao que se entendia por desenvolvimento na época. Até a palavra desenvolvimento aparece no século XVII pela primeira vez. O século XVIII também é um máximo, na medida em que houve uma proliferação muito grande de usinas, destilarias, canais de navegação, navegação muito intensa no porto de São João da Barra e a interiorização da colonização em direção a regiões serranas e, sobretudo, em direção a Minas Gerais. E de lá também partiu uma outra onda de colonização do Noroeste-Norte Fluminense. A gente pode contar que houve a integração do Noroeste Fluminense a essa economia a partir do século XIX. Em 1920, um especialista mostrava que a região toda, o Estado do Rio todo tinha 33 usinas modernas. Dessas 33, 32 ficavam no Norte e Noroeste Fluminense. Então, eu não posso dizer que houve um atraso econômico muito grande. Ainda na década de 70 do século XX havia encontros internacionais do açúcar, promovidos pelos usineiros e, inclusive, uma representação do Sindicato dos Usineiros em Paris. A partir de 1973, começa a haver um declínio dessa economia. E até hoje, o que a gente pode dizer que entrou no lugar de uma economia convencional? Primeiramente, Petrobrás, em Macaé. Segundo o Porto do Açúcar. Para o Noroeste Fluminense algumas atividades me parecem que não atendem muito bem. Por exemplo, a mineração em Santo Antônio de Pádua. Eu acho que a gente vive um momento de crise da economia convencional, com alguns polos que ainda sustentam e a ausência de algum projeto de uma nova economia, uma economia sustentável dentro dos

marcos da economia de mercado. Eu acho que é difícil a gente não pensar isso. Me parece que o que a gente tem pela frente é a produção de energia, mas não mais a produção de energia com hidrelétrica, nem a petróleo, gás, mas aproveitando os ventos, o sol, o hidrogênio verde, que encontramos em abundância na região. E partir para uma outra concepção de desenvolvimento. Por exemplo, na agricultura, a produção de alimentos é mais do que a produção de uma cultura em larga escala. Monocultura como a cana que está caindo aos pedaços, o gado que continua existindo, mas de uma forma tradicional. Já se falou que o Norte e o Noroeste Fluminense estão entrando numa nova fase de desenvolvimento. Isso foi um estudioso de Campos, que falou que, inclusive, a companhia aérea Azul ia criar uma linha São Paulo-Campos-Paris, que nunca aconteceu, que a gente estava recuperando o desenvolvimento. Eu acho que, a partir dos anos 1970, entramos numa crise bem grande dessa economia tradicional e não criamos ainda uma economia que seja alternativa, diferente.

Organizadores do Dossiê: O desbravamento do Noroeste Fluminense pelo homem branco, passando pela bacia do Rio Muriaé, se deu pela busca do ouro a partir dos assentamentos da região de Guidoal de Constantino Pinto, em Minas Gerais. Chegando ao Noroeste, esses mineradores, além de lavrarem o ouro, viram na poaia, uma planta que tinha características medicinais, uma fonte de exploração. Mais tarde, ocorreu o plantio de café. O senhor poderia comentar, de modo contextualizado, principalmente da exploração do ouro na bacia do Rio Muriaé, tanto no passado, quanto hoje, já que existem registros atuais de iniciativas de exploração ilegal de ouro nos rios Muriaé e Carangola. Qual seria, especificamente, o impacto ambiental desse tipo de atividade de exploração na bacia do Rio Muriaé?

Arthur Soffiati: Eu vou me concentrar na mineração do ouro, que não é só uma questão do Muriaé, do Carangola. Ele está ocorrendo também no Paraíba do Sul, na altura de São Fidélis. Tudo isso de uma forma clandestina. E a gente sabe o que o garimpo de ouro provoca nos rios. Primeiro, o desbarrancamento das margens, revolvimento de fundo e, principalmente, o uso de mercúrio que acaba contaminando peixes, acaba contaminando pescadores, acaba contaminando quem está na linha final, que é o consumidor. Então, acaba afetando todo um conjunto de relações ambientais e sociais que são danosas. Aqui não deve ser diferente. Talvez a proporção seja bem menor do que acontece, por exemplo, nos rios da Amazônia. Mas, de qualquer maneira, esses danos existem e afetam as pessoas de um modo geral. Até mesmo o explorador que trabalha com o mercúrio e é contaminado.

Organizadores do Dossiê: De que forma as transformações sofridas pela vegetação do Noroeste Fluminense, após conquista e colonização da região, afetaram as comunidades que a ocuparam ao longo do tempo?

Arthur Soffiati: Primeiramente, as comunidades originárias, que eu prefiro chamar de pioneiras, foram sendo extintas progressivamente. Aquelas comunidades que os europeus encontraram, já vivendo na região bastante tempo antes deles. Depois, aquelas comunidades que se constituíram a partir do momento em que os europeus começaram a colonização e até mais adiante, sofreram, também, na medida em que um ambiente que era favorável, por exemplo, um ambiente pesqueiro, era favorável, foi sendo destruído também. O ambiente florestal, por mais que houvesse caça dessas comunidades mais pobres, essa caça não comprometia a existência da espécie, não provocava a extinção de espécie. Mas essas espécies foram sendo afastadas, na medida em que os ambientes foram sendo destruídos e outras coisas mais.

Por exemplo, a introdução de espécies exóticas para atender a economia que foi se implantando, também, foi afastando e isolando essas comunidades das atividades econômicas ou integrando essas comunidades numa condição bastante sub-humana.

Organizadores do Dossiê: O Brasil é privilegiado por possuir uma vasta rede de bacias hidrográficas, tendo aproveitado essa importante característica para desenvolver sua matriz de geração de eletricidade, hoje, com mais de 50% baseada na hidreletricidade. O Rio Muriaé faz parte dessa história e abriga duas centrais hidrelétricas em operação, Miguel Pereira e Santa Cecília, localizadas no município de Miraiá/MG, inauguradas em 1930 e 1950, respectivamente. Em diversas regiões do Brasil, nos últimos anos, tem sido constatado um aumento de discussões sobre o uso múltiplo das águas, ou seja, sobre a parte (porções, volumes, vazões) que deve caber à geração de energia, abastecimento dos municípios, agricultura, indústria, navegação, pesca, lazer, dentre outros. Vale ressaltar que essas disputas se dão em meio a períodos de escassez nas principais bacias brasileiras, como os que presenciamos entre 2014 e 2016, e, mais recentemente, entre 2020 e 2021. Considerando as mudanças climáticas e esse aparente aumento na recorrência dos períodos de escassez hídrica, que impactos tem sofrido o Rio Muriaé e o Noroeste e o Norte Fluminense com as crescentes demandas no uso múltiplo das águas? Como isso se reflete na população e na economia? E o que é esperado dos órgãos reguladores, autoridades e da sociedade em geral?

Arthur Soffiati: Com relação à hidrelétrica, eu tomo como exemplo o rio Itabapoana. Eu acho que houve ali um excesso de aproveitamento energético e que o rio Itabapoana chegou ao limite. Inclusive, algumas hidrelétricas deveriam ser desativadas, porque a bacia do Itabapoana não dá mais conta. Basta ver o caso de Rosal, por exemplo. Eu participei do processo de implantação, não defendendo, mas querendo informação. Participei da audiência pública e eu só ouvia promessas mirabolantes. Ia correr fio d'água. As espécies nativas poderiam transitar livremente acima da barragem, por exemplo. E nada disso aconteceu. Então, não sei se a gente deve ter orgulho de ter as barragens do jeito que elas são e de pleitear mais barragens. A gente deve otimizar o que se existe em termos de geração de energia. Mas otimizar significa, de fato, criar barragens que não são impactantes, porque sempre são de uma certa maneira. Agora, quanto à gestão das águas, nós temos um comitê de bacias, que é o comitê nove, que abrange toda bacia do rio Paraíba a partir de Itaocara pra baixo, incluindo as sub-bacias do Muriaé e do Pomba e outras mais, e que, na verdade, não tem atendido suficientemente as demandas. Na medida em que essa gestão, esse gerenciamento são feitos mais para atender a quem já tem recurso e para atender produtor de cana, atender a criador de gado, atender as empresas que dependem da água para gerar energia para abastecer as cidades. A gente sabe que isso virou um grande negócio. Isso não é mais uma questão de atender à necessidade pública, mas a questão de ganhar dinheiro. A gente está devendo muito em termos de gestão de bacia, de uma forma que seja sustentável, ecologicamente sustentável. É coisa que eu não vejo que a gente tenha na região.

Organizadores do Dossiê: O recebimento de rejeitos industriais e da mineração, o despejo de esgoto doméstico não tratado e a presença de poluentes químicos agrícolas, são algumas das causas de degradação dos rios, entre os quais cito o Muriaé, que vem sofrendo muito com esse tipo de problema. Diante disso e considerando que esse rio atravessa diversas cidades de MG e do RJ, que dele dependem para sua existência, não seria fundamental a criação de um consórcio intermunicipal que reúna representantes dos órgãos públicos e da sociedade civil de todas

essas cidades, com a finalidade de buscarem, conjuntamente, caminhos responsáveis de uso e preservação do rio Muriaé? De que forma esse consórcio poderia atuar? Quais os empecilhos para a concretização de tal ideia?

Arthur Soffiati: Eu diria que esses consórcios já existem, na medida em que existe um comitê de bacias com subcomitês para os rios afluentes. A questão não seria criar um consórcio, seria otimizar o que já existe, mas, também, buscando uma equalização, pois a hierarquização ali dentro é muito grande. A gente vai ver que quem já tem poder econômico domina o comitê. Caso bem claro, os pescadores do comitê central de bacia no baixo Paraíba que saíram. Por quê? Porque eles não se sentem contemplados. Eles sequer entendem o que estão falando no comitê. As pessoas combinam, fazem acordos em particular, enquanto os pescadores estão alijados. A defesa civil de Campos também se afastou. Também não sei se em outros municípios se afastaram. Por quê? Porque entendem que a coisa é muito pragmática, de muito negócio. É um outro local de negócio econômico. A gente vê empresas que fornecem, que abastecem os municípios de água também estão nesse comitê e auferem lucros e vantagens ali dentro. Para otimizar isso é muito difícil porque isso começa lá na CEIVAP, que é o Comitê Geral da Bacia do Rio Paraíba do Sul, em São Paulo. Se você examinar a Constituição, São Paulo manda no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Se você examinar dentro do Estado do Rio de Janeiro, quem manda é o Grande Rio, através do quê? Através da transposição do Paraíba para o rio Guandu para abastecer nove milhões de pessoas, sacrificando quem está abaixo. Aí, se chegar mais abaixo, você vê quem é que domina. Depende. Geralmente são pecuaristas e empresários de outras atividades. Como o abastecimento e fornecimento de água estão privatizados entra o negócio no meio e os outros saem perdendo. Como otimizar isso? Como tornar isso mais democrático? Eu confesso que eu não sei como fazer isso e eu até me afastei dessa discussão por achar que ela é muito empírica, muito pragmática. É o dia a dia que se discute, por exemplo, abre a comporta porque está faltando água, fecha a comporta porque está alagando a minha fazenda. E então a discussão cai nesse nível e não cai no nível de organizar o sistema, melhorar o sistema como um todo, atendendo aos interesses públicos. Eu nem tenho esperança de que todos sejam iguais ali dentro, mas que sejam menos desiguais.

Organizadores do Dossiê: Neste ano de 2023, realizamos com alunos um trabalho de mapeamento e identificação de fontes naturais d'água na área urbana de Itaperuna. Até o momento, conseguimos mapear sete fontes cujas águas têm sido cotidianamente usadas pela população local. Essa seria a primeira etapa de um trabalho que, em breve, irá ser acompanhado de uma análise química dessas águas e conseqüentemente de sua potabilidade. Gostaria de saber sua opinião sobre a importância dessas fontes urbanas que, ao que parece, tem servido de complemento ao serviço de abastecimento de água de um município cuja população, segundo dados atualizados do IBGE, já ultrapassa o número de 100 mil habitantes. Como essas fontes, mesmo estando dentro da área urbana, poderiam ser protegidas, bem como sua capacidade de fornecimento de água? De que maneira os poderes públicos poderiam ser acionados no sentido de proteger essas fontes que parecem estar sob constante ameaça em função do próprio processo de urbanização?

Arthur Soffiati: Entendo que, se os municípios fizessem um levantamento dessa natureza, encontrariam várias fontes, pequenas fontes de água que afloram e que vêm à superfície partindo do lençol freático, e que isso deveria caber aos municípios à proteção dessas áreas. Como proteger essas nascentes? Primeiramente, revegetando essas áreas, isolar essas áreas

para que elas não sejam contaminadas. Promover a análise da água para saber se ela é potável e como tomar essa água apropriada para consumo. Então, esse é um trabalho excelente. Levantar fontes dentro do próprio município. Mas eu chamo a atenção para um outro aspecto também que me choca muito. Diz respeito ao uso dos pequenos rios que foram engolidos pelas cidades, sejam rios que continuam abertos, correndo a céu aberto, mas viraram valas de esgoto, ou aqueles que foram cobertos, concretados, que correm por baixo da terra e que são muito poluídos também. Quer dizer, está escondendo a poluição e a gente não promove que seria muito mais fácil promover a recuperação a revitalização desses pequenos rios antes do que o de um grande rio. Acho que a gente poderia começar por aí. Aí eu vejo que, no Noroeste Fluminense, ocorrem mais rios pequenos como esse do que na planície. Porque a planície é uma outra dinâmica hídrica. Quando se vai a São Fidélis, Cambuci, Itaperuna, Cardoso Moreira, a gente encontra vários córregos que estão nessa situação de áreas de sacrifício que poderiam ser recuperadas.

Organizadores do Dossiê: É notório seu ceticismo sobre as intenções de governos e partidos políticos em relação às questões do meio ambiente. O senhor argumenta sobre tal apontando a prevalência do imediatismo predatório em nome de um pretenso desenvolvimento no conjunto de prioridades do campo político como causa para seu posicionamento, assim como o aparelhamento/cooptação das ONGs devotadas a causa pelas grandes empresas e estatais. Em sua opinião, há hoje em dia espaço para o surgimento de lideranças/representantes que lutem pela questão? Quais as perspectivas de adesão a causa para além das estruturas predatórias?

Arthur Soffiati: Eu acho que está difícil, sabe? Você encontrar um espaço em que a gente atue. Não vou dizer com uma liberdade completa, mas que seja e em que se tenha mais liberdade de se falar o que se pensa, de atuar no sentido do que interessa mesmo, o que é mais significativo do que ficar promovendo eventos superficiais. Como abraçar um rio. Acho que isso não funciona muito. Fazer limpeza de praia. Eu acho que a gente faz limpeza de praia para outros sujarem tudo depois. Depois que a gente abraça o rio, tudo é esquecido. Não sei se a luta que a gente tem que travar é uma luta tão ingênua, de achar que as coisas mudam com esses tipos de ações. Talvez mude alguma coisa, né? A gente pode avaliar, mas me parece difícil. Eu acho que, inclusive, da parte do poder público da nossa região. Os discursos dos governantes são muito fracos, são muito alheios a essas novidades, essas questões novas. Por exemplo, alguém me aponta um prefeito que esteja comprometido com a causa das mudanças climáticas. Eu não vou dizer se eu vou mudar o mundo. Eu sozinho não vou mudar o mundo. Mas qual é a contribuição que eu posso dar nesse sentido? Algum prefeito que esteja assim envolvido, que esteja comprometido com a questão do reflorestamento, junto com a questão de proteção de áreas de vegetação nativa ou de ecossistemas nativos que ainda existem na região. Eu não vejo, então eu acho que é um nível político muito tacanho, muito atrasado, que está muito aquém do que se espera nos dias de hoje e do que se fala nos dias de hoje. Ou seja, nem no discurso eu noto esse tipo de preocupação por parte dos políticos regionais.

Organizadores do Dossiê: O sociólogo norte-americano Charles Wright-Mills escreve que “os mais admiráveis pensadores da comunidade acadêmica [...] não separam seu trabalho das suas vidas. Parecem levá-los ambos a sério demais para admitir tal dissociação, e querem usar uma coisa para o enriquecimento da outra”. Seu assumido ativismo para com as causas ambientais, enriqueceu fortemente o debate sobre as mesmas, representando fielmente a primeira parte da relação proposta pelo autor. Minha pergunta é sobre a segunda parte: em sua opinião, qual o impacto do seu objeto de estudo em sua vida?

Arthur Soffiati: Eu queria ser assim, me inserir na visão do sociólogo que mostra que o ativista traz uma contribuição muito grande ao lado de ser estudioso. Na minha trajetória não foi bem essa. A minha trajetória foi de um certo afastamento, uma certa desconfiança com relação à minha parte de ativista, embora eu ache que essa parte de ativista tenha trazido muita informação para mim, muito conhecimento de fontes e de pessoas que me ajudaram muito a conhecer mais a realidade em que eu estou, do que se eu ficasse só num gabinete. Sair do gabinete, atravessar os muros da universidade e o mundo exterior me mostrou que as coisas não são como a gente ensina em sala de aula. Fazer revolução em sala de aula é fácil. Na realidade, não é bem assim. E aí, nesse caso, eu não sei se contribuí. Eu não sei se cabe a mim avaliar o que eu fiz ou o que eu venho fazendo. Eu já fiz muito mais, já me empenhei muito mais. Década de 1980 para mim foi a década em que mais atuei. Mas também tem que levar em consideração que eu tinha muito mais juventude, que os problemas, eram muito mais flagrantes, que era preciso atacar aquilo, era preciso correr riscos. Depois eu fui vendo que as coisas foram sendo assumidas de uma certa maneira. Por exemplo, a questão das mudanças climáticas. Eu alertei para isso e não fui o único. Na década de 1970, apareceram outros em outros lugares, mas na região eu falei sobre mudança climática em 1979, inclusive, atacando o regime militar, dizendo que o coronel que estava cuidando do Instituto Nacional de Meteorologia não entendia nada, foi colocado ali para falar bobagem. Então eu acho que essa luta toda, essa luta toda, se não é uma luta muito boa hoje, merece registro porque eu sinto que eu fiquei. Os outros companheiros meus não se empenharam tanto nela, já morreram, foram embora, mudaram de área e eu fiquei. Eu fiquei sozinho. Eu fazia parte de uma ONG que não existe mais e eu continuo funcionando. De alguma maneira, escrevendo, falando e me posicionando. Então eu acho que eu considero isso uma contribuição que eu trouxe. Não sei se é uma contribuição valiosa, mas é uma contribuição que eu trouxe para o mundo e para a região.

Referências

- CARVALHO, A. **Apontamentos para a história da capitania de S. Thomé**. Organização Paula Aparecida Martins Borges Bastos, Henrique Barreiros Alves. Campos dos Goytacazes: Essentia Editora, 2022. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/livros/issue/view/296>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- HENRIQUES, P. **A terra da promessa: história de Itaperuna**. Rio de Janeiro: Gráfica Aurora, 1956.
- LAMEGO, A. R. **A planície do Solar e da Senzala**. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1996.
- LIGIÉRO, M. **O homem, o rio e a terra: o rio Muriaé e a freguesia da Laje**. Traços geográficos e históricos. Organização Anízio Antônio Pirozi. Campos dos Goytacazes: Essentia Editora, 2022. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/livros/issue/view/297>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- SOFFIATI, A. **Dez anos de enchentes e estiagens (2007-2016): Norte-Noroeste Fluminense e outros lugares**. Rio de Janeiro: Autografia, 2025.
- SOFFIATI, A. **Noroeste Fluminense: registros de um eco-historiador militante**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.
- SOFFIATI, A. **O norte do Rio de Janeiro no século XVI: à luz da história mundial e da eco-história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

COMO CITAR ESTE ARTIGO SEGUNDO AS NORMAS DA REVISTA

ABNT: SOFFIATI, A. Entrevista com o Professor Arthur Soffiati. [Entrevista concedida aos] organizadores do dossiê "Sociedade-Natureza, Economia, Política e Cultura no Noroeste Fluminense e regiões circunvizinhas": Rogério Ribeiro Fernandes, Felipe da Silva Machado, Wallace da Silva Mello e Elaine Borges da Silva Sueth. *Vértices [Campos dos Goytacazes]*, v. 27, n. 2, e27223529, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v27n22025.23529>. Disponível em: <https://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/23529>.

APA: Soffiati, A. [2025]. Entrevista com o Professor Arthur Soffiati. [Entrevista concedida aos organizadores do dossiê "Sociedade-Natureza, Economia, Política e Cultura no Noroeste Fluminense e regiões circunvizinhas": Rogério Ribeiro Fernandes, Felipe da Silva Machado, Wallace da Silva Mello e Elaine Borges da Silva Sueth]. *Vértices [Campos dos Goytacazes]*, 27[2], e27223529. <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v27n22025.23529>.

DADOS DO AUTOR E AFILIAÇÃO INSTITUCIONAL

Arthur Soffiati - Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ]. Professor Associado aposentado da Universidade Federal Fluminense [UFF] – Campos dos Goytacazes/RJ – Brasil. E-mail: as-netto@uol.com.br.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

O autor declara não haver conflito de interesses.

DISPONIBILIDADE DOS DADOS

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

O autor não declarou uso de ferramentas de inteligência artificial generativa na pesquisa e na escrita do artigo.

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Este documento é protegido por Copyright © 2025 pelo Autor

LICENÇA DE USO

Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#). Os usuários têm permissão para copiar e redistribuir os trabalhos por qualquer meio ou formato, e também para, tendo como base o seu conteúdo, reutilizar, transformar ou criar, com propósitos legais, até comerciais, desde que citada a fonte.

RESPONSABILIDADE PELA PUBLICAÇÃO

Essentia Editora, coordenação subordinada à PROPPIE do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da Essentia Editora.

NOTA

Esta entrevista faz parte do Dossiê Temático "Sociedade-Natureza, Economia, Política e Cultura no Noroeste Fluminense e regiões circunvizinhas" selecionado no Edital n. 77/2024 para publicação na *Vértices*.